ROMANCE PATRIÓ MARITIMO

EM QUATRO

ESTANCIAS

1.ª

O NAVIO

2.ª

FAINAS DE BORDO

3.ª

MARCIALIDADE NAVAL

4.ª

A TEMPESTADE

EM QUADRAS DE DUPLA RIMMA

OFFERECIDO

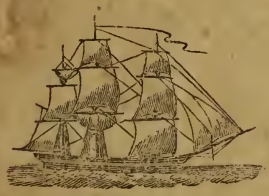
AO ILL.MO SNR.

PEDRO WENCESLÁO DE BRITO ARANHA

POR

Joaquim Pedro CELESTINO Soares

OFFICIAL DA ARMADA



1870

ROMANCE PATRIO MARITIMO

EM QUATRO

ESTANCIAS

1.ª
O NAVIO

2.ª
FAINAS DE BORDO

3.ª
MARCIALIDADE NAVAL

4.ª
A TEMPESTADE

EM QUADRAS DE DUPLA RIMMA

OFFERECIDO

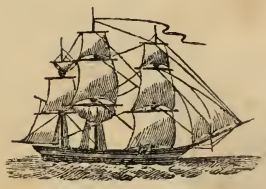
AO ILL.MO SNR.

PEDRO WENCESLÁO DE BRITO ARANHA

POR

Joaquim Pedro CELESTINO Soares

OFFICIAL DA ARMADA



LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA

1870

LIBRARY
JAN
27
1987
UNIVERSITY OF TORONTO

Ill.mo Snr. Pedro Wenceslão de Brito Aranha

Honrado amigo.

Nas cogitaçoens em que por vezes entro relativas aos éllos que prendem a minha existencia á sociedade commum e pensante de que faço parte, sempre exitei em suppor que a faculdade de acção e o livre arbitrio atribuidos á especie humana éram menos amplos do que geralmente se prosumia, havendo huma causa efficiente que determináva o seu proceder até contra a propria vontade e tençoens do sujeito que emprendera actos diversos d'aquelles que veio a praticar: Pelo menos commigo tem isto acontecido, e creio que aos outros meus semilhantes não terá deixado de succeder o mesmo.

Isto posto, digo a Vossa Senhoria que nunca me occorreu invocar o auxilio das pudibundas filhas de Mnémosyne para o destrair com os meus versos, offerecendo-lhe o ramilhete dos dons que d'ellas alcançasse; mas hum caso imprevisto suscitou-me esta edeia, e eis-me no jardim das Esperides em busca d'aquelles que deviam entrar na sua composição.

Havia eu publicado o quarto volume dos *Quadros Navaes* que remetti a todas as redacçoens dos periodicos da capital, as quaes annunciaram o apparecimento desta obra nos termos mais lisongeiros, porem a *Gazeta do Povo* n.º 32 de sexta feira 19 do corrente, servio-se para este obzequio de frazes tão affectuosas e animadoras, que me surprenderam pelo interesse com que inculcavam o seu merito e gabos á minha pessôa, a pontos de mover-me a dar-lhe hum singular e notorio agradecimento: Foram pois, as pallavras proferidas em meu abono pela Redacção ou collaboração da circunspecta folha o excitante que motivou a minha conducta, levando-me a pegar na carunchosa Lyra corroida pelos vermes de setenta e seis solisticios bafejados por Boreas, lá do Polo Artico para nos metigar as escandecencias que o canino facho irradia nesta quadra de securas e calores; afim de tirar d'ella alguns sons que lhe fossem gratos, ingrinaldando-a com as flôres que as castas Divas do Parnaso me permittissem colher: E na verdade tão generosas se mostraram ao meu empenho que pude reunir dosentas e vinte e trez quadras em dupla rimma agrupadas em quatro Estancias: a primeira *O Navio*, a segunda *Fainas de Bordo,* a terceira *Marcialidade Naval* e a quarta *A Tempestade*, que juntas se comprehendem n'hum *Romance Patrio Maritimo,* onde busquei descrever a grande e engenhosa Maquina de navegar, a sciencia e trabalhos do Marinheiro, a dedicação e valor dos officiaes da nossa Armada n'estes ultimos tempos, e por fim as tempestades que assaltam o nave-

gante, quer no alto mar, quer sobre as costas, como tambem a tempestade politica e imminente que ameaça a nossa Patria.

Se nesta resenha e narrativa fui arrebatado e caloroso, estremecendo pelo bem estar do meu paiz que amo acima de todas as cousas deste mundo, inspirei-me dos sentimentos que animavam o astuto grego, inventor do cavallo que a armada dos colligados ás ordens de Agamemnon deixou nas praias de Dardania, preferindo regressar ao seu pobrissimo rochedo de Ithaca, á immortalidade que a encantadora e magica Circe lhe promettia. Se nos tempos de agora este amor pelo torrão que nos vio nascer he menos intenso do que naquelles seculos heroicos, pela minha parte não sinto amortecer a chamma que por elle me abraza, e hei de até ao ultimo soppro da vida mostrar a crepitancia do affecto que lhe tenho.

V. S.ª a quem julgo possuido desta nobre e generosa paixão, aceite este testimunho daquella que do meu ardente engenho transsuda, tomando-o por companheiro de viagem nesta minha arriscada e difficil derrota.

De V. S.ª amigo muito grato, e sympatico

Joaquim Pedro CELESTINO Soares.

Travessa do Pé de Ferro 23 de Novembro de 1869.

Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

http://archive.org/details/romancepatriomar00soar

Ex.mo Sr.

e meu respeitavel amigo e mestre.

Recebi hoje com grande alvoroço e com o maior enternecimento uma visita inesperada e uma communicação ainda mais inesperada e honrosa.

A visita foi a do intelligente e bom filho de V. Ex.ª, official da nossa armada e herdeiro da bisarria e da bondade de V. Ex.ª

A communicação foi a de V. Ex.ª ir dar ao prelo um livro patriotico e maritimo, que se digna dedicar-me.

Agradeci a visita e agora cumpre-me agradecer, profundamente reconhecido, a lembrança de V. Ex.ª

Conheço que não sou merecedor de tal honra e se não posso recusar-me a ella é porque m'o inhibe a cortezia e porque m'o prohibe o affecto de filho para com o pae, e a veneração de discipulo para com o mestre, que consagro a V. Ex.ª e de que dou aqui novo e solemne testemunho.

Ha na vida do homem muitas compensações ao par

de dissabores que opprimem o coração: se uns nos trazem o desalento, as outras preparam-nos para novas luctas.

A honra inesperada e immerecida que recebi de V. Ex.ª foi uma dessas compensações, que por isso mesmo me torna mais grato e mais dedicado; não porque o reconhecimento e a amizade a V. Ex.ª não fossem já grandes e intensas, mas que porque tão grata noticia veio povoar-me de ineffavel jubilo o coração, que se ia acurvar ás tribulações de todos os dias.

Ninguem melhor que o homem do mar conhece e aprecia estas coisas da vida. Elle sempre está preparado para o bom e para o mau; para as alegrias, para os pesares, para as labutações, para as anciedades, para as esperanças, para as commoções de toda a especie: quando uma pequena nuvem lhe annuncia tempestade medonha; quando o furor das vagas lhe açoita o casco do baixel; quando a calmaria lhe presagia um novo perigo; quando a bonança o deixa descansar da faina e lhe descobre o porto de salvamento; quando se aparta da patria e da familia; ou quando depois avista a terra que o viu nascer e volve aos braços da mulher e dos filhos.

O livro de V. Ex.ª, patriotico e maritimo, é daquelles que só podem escrever os que tem estudado no mar, na tolda das embarcações, ao sopro de todos os ventos, ao ruido das procellas e dos combates, á luz do sol e dos relampagos.

Brilham nesse livro o caracter leal, o patriotismo ver-

dadeiro, as altas qualidades de um bom portuguez, e os quilates de um engenho que, apesar dos annos, dos trabalhos e dos serviços, ainda se desata em fructos viçosos e em graças de uma mocidade alegre, crente e vigorosa.

Novamente lh'o agradeço.

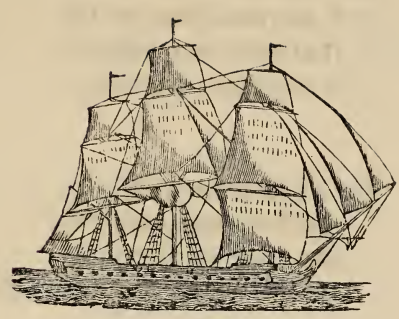
E beijando-lhe as mãos, confesso-lhe que sou, respeitosamente, como sempre,

De V. Ex.ª

admirador sincero, amigo affectuoso
e obrigadissimo discipulo

Brito Aranha.

Lisboa, 23 de fevereiro de 1870.



ESTANCIA 1.ª

O NAVIO

1.ª Hum navio vem do largo
Demandando o nosso porto,
Lá lhe vai barco de embargo
Dar piloto de conforto.

2.ª He de véla e de vapôr
Mas deste não usa agora
Como traz vento a favor
Té botou cotellos fora:

3.ª He de guerra, e d'alto bordo
Traz flamula a topetar,
Mostra vir de bom acordo
Pois começa por salvar.

4.ª He fragata, e bem bonita
E nas manobras que faz
Hostenta como exercita
A tripulação que traz.

5.ª Não há maquina mais bella
Artefacto mais complexo!
Ideia que em si revella
De Deus quaise que hum reflexo.

6.ª Que arrogancia! Que grandeza!
Que poder em si contém?!
Para da Patria em defesa
Illustrar seu nome álem.

7.ª Que de gente ali disposta
Para honrar o seu paiz,
Que já n'huma e noutra costa
Guinda tellas de matiz.

8.ª Onde o mundo reconhece
Os fóros de huma nação,
Que o nauta tanto estremece
Até dar-lhe o coração.

9.ª Como dá, e he bem sabido
Na redondeza da terra
Quando o nauta destemido
Pela bandeira entra em guerra:

10.ª Quando affronta a tempestade
Bloqueando hum porto imigo,
Quando o mesmo porto invade
Levando a morte comsigo,

11.ª E quando o escaler abica
N'huma praia defendida
Cuja incursão só, lhe fica
A preço de muita vida:

12.ª Quando emfim no largo mar
As amuradas se encontram
E dos canhoens o troar
Nenhuns peitos amedrontam;

13.ª Mas antes pelo contrario
Seu palpite rebustece
Contra o nobre adversario
Que garboso lhe apparece,

14.ª Sem odio a demonstrar-lhe
O valor do seu pendão
A qual maior gloria dar-lhe
Como homens de coração.

15.ª O pano miudo mette
Todo dentro á pancada
Na verga fica hum grumete
Para ser amantilhada.

16.ª Como a sotavento estava
Agora com as mestras fórça
Que a bordada não lhe dava
Se tanto a tempo não órça;

17.ª E que nortada tão dura
Ella assim vem supportando
Que o vagalhão desde a amura
Lhe vai a tolda alagando!

18.ª De estibordo a bateria
Mais não pode mergulhar-se
Que hum nada álem bastaria
Para a vêrmos afundar-se!

19.ª Chegou á linha do vento
E vencêo vir pelo norte
Têve hum critico momento
Só p'ra barco de bom porte!

20.ª Já não griva, e vem lascando
As escôtas de arrastar,
Pelo corredor entrando
Novamente ha-de salvar.

21.ª E mais parece fazer,
Que das honras os remates,
São: a bandeira abater
E salvar dos enfrexates.

22.ª Com effeito os marinheiros
Trepam pelas arreigadas
E — vivas — dão prazenteiros
Cinco vezes compassadas.

23.ª Nós tambem lhe respondemos
Rompendo salva real,
E a bandeira lhe abetemos
Por honra de igual, a igual.

24.ª O grão Jak onde a divisa
Hony soit q'ui mal y pense
Nobre rasgo symboliza
E vencer a todo o transe:

25.ª O Jak arrogante que iça
E lhe ondeia, no penol
Arria até meia adriça
Quando em frente do Farol. [1]

26.ª São termos que a polidez
Do maritimo adoptou
E mal vai se alguma vez
Este uso se despresou.

[1] Farol de S. Julião da Barra: o observador está n'esta torre vendo o navio demandar o porto.

27.ª De novo larga o pano alto
Para nova cortezia,
Que se hade arrear de salto
Disparando a artilharia.

28.ª Feito este cumprimento
Quando a Torre emparelhar[1],
Com essas velas em vento
Chegará a fundear.

29.ª E tendo o ferro no fundo
E todo o pano ferrado,
No silencio o mais profundo
Os cabos de vai-vem passado:

30.ª A gente ás vergas subindo
Por fim dará salva á terra,
A qual, ao barco bem vindo
Tratará como de guerra.

31.ª De bordo larga o escaler
Com guindão de general,
E na gata he bem de vêr
De commando insignia igual.

[1] Torre de Belem.

32.ª Hirá ao ministro dar
Noticia da sua entrada,
E depois cumprimentar
A insignia que houver içada.

33.ª E daqui resultarão
Outras salvas differentes,
Com a bandeira da nação
A que são correspondentes.

34.ª Estes usos da agua amara
Pouca gente os comprehende,
E só quem lá os encara
Sabe o que d'elles depende.

35.ª A bandeira de hum navio
Tem magna significação,
Pouco importa o poderio,
Lá virá quem tem rasão.

36.ª He por isso que a Marinha
Tem nas Armas dianteira,
Pois a ella longe e sósinha
Cabe a honra da Bandeira.

37.ª Aqui onde ella fixa está
E o paiz todo a defende,
Bem poucos cuidados dá
A quem guardal-a pertende;

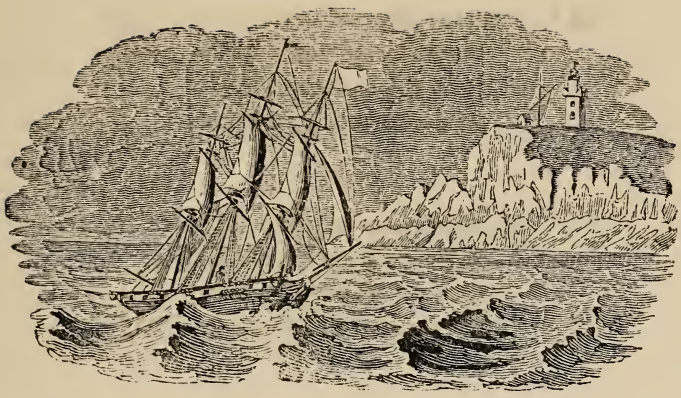
38.ª Porem longe, cosmopolita,
A mil insultos sujeita,
He que o coração palpita
De quem sua guarda aceita.

39.ª Quando no horisonte surge
Hum ponto branco, uma véla,
Que o tocar a postos urge,
Por ensaio e por cautella;

40.ª Logo o peito do guerreiro
Mais ou menos estremece,
Pois hesita qual primeiro
Seu cortejar offerece.

41.ª Tanto a bordo como em terra
Estes actos tem valor,
D'elles pode ali vir guerra
Aqui, tremendo furor.

42.ª D'isto a importancia vem
Do maritimo e do barco;
Aqui virá mal ou bem
Acolá vai tudo ao charco.



ESTANCIA 2.ª

FAINAS DE BORDO

43.ª Temos dia de partida
E havemos de deitar fora,
Temos a talha gurnida
E o Patrão-Mór chega agora.

44.ª Vá virando ao cabrestante
Para pôr o ferro a pique,
Diz ao Mestre o Commandante —
Basta até que de estae fique.

45.ª Prompto: mas vire a linguete
Volta. Vamos largar pano,
O Velacho e só traquete
Que outra vélas fazem damno.

46.ª Joanetes estingados,
Porem promptos a caçar
E os cabos desenrascados
Se a véla grande amurar.

47.ª Tendo o pano mareado
E com o léme quaise a meio,
Os dois cabos já marcado
Para o mar deitou em cheio.

48.ª Do degráo do Catavento
Depois de feito o Azimuth,
Com voz de vibrante assento
Que certa energia incute:

49.ª Guardião! Grita o Tenente.
Prompto, aqui estava já,
Essa gaiatada assente
Que faz sem bassoira e pá?

50.ª Vossê paréce que dorme
Quando deve estar álerta,
Apite. Esses môços forme
E vão barrer a cuberta.

51.ª Tempo he de cabos colher
Que horas de póstos vão sendo;
Pagens, vamos a barrer
Que já vai escurecendo.

52.ª E não tardam as Trindades,
E depois rezar o Terço,
Que nestas solemnidades
Nos criaram desde o bêrço.

53.ª Vá catando as malaguetas,
Gavias, olha a rizadura,
Condestaveis, lanternetas
Juntem para ré da amura.

54.ª O Mestre que já se acháva
Encostado ao cabrestante,
Para rizar como usava
Mandar sempre o Commandante:

55.ª Foi a manobra ensaiando,
As adriças extendendo,
As patescas engatando,
Talhas dos lais recorrendo.

56.ª Chega aquelle e diz —Apite—
A hum golpe dado, ligeiros
Como que fôgo os excite
Trepam logo os marinheiros.

57.ª Vamos: e eis que arriadas
São as gavias n'hum momento
De Marujos apinhadas
Que as rizam e dão ao vento.

58.ª Dos váus grandes a vigia
De arrebentação dá parte!
Veja bem donde cogia
Para que d'ella me aparte.

59.ª Onde demora? A que rumo?
Vêsse longe ou fica perto?
Mestre: Venha sempre o prumo
Que o sondar hé o mais certo.

60.ª Môços: Chega tudo a mim,
O Latino vai caçar:
Larga, mãos ao escotim
Até que fique a beijar.

61.ª Foi o vento escaceando
É mister allar bolinas:
Vai esses braços lascando;
Tu do leme, olha que guinas.

62.ª Môços: Barca: Olha o que deita
O Diabo bate estacas!
Nem esquerda, nem direita,
Aqui só pernas ás makas.

63.ª Para que ao raiar da aurora
Possa demandar a barra,
Que os pilotos andam fóra
Resta talingar a amarra.

64.ª Para o nauta entrar contente
Em aguas da Patria amiga,
Da qual quanto mais auzente
Maior amor a ella o liga.

65.ª He tempo de hir estingando
Todo o meu pano redondo,
Com o latino só orçando,
As ancoras promptas pondo.

66.ª Em quanto que o fundo sondo,
Que desejo fundear;
Meus intentos não escondo
Pelo que digo respondo,
A minha Arma quiz louvar,
A minha terra servir,
Que outros buscam deprimir
E eu sempre defender;
Como Camões que a morrer
Lhe ennobreceu o porvir
Para não mais esquecer:

67.ª E assim por certo será,
Que tres seculos de existencia
Da voz sua mostram já
A perenne omnipotencia.

68.ª Para o torrão seu gabar,
Patrios feitos resummir,
De heroes, nomes proclamar
Que hão-de os Evos repetir.

69.ª E o nome de Portugal
Menos lido té então,
Veio a ficar immortal
Pelo éco do seu pregão.

ESTANCIA 3.ª

MARCIALIDADE NAVAL

70.ª De Bellona vendo a grenha
Algum tanto desatada,
Suspeitei que a sua sanha
Provocáva a lusa espada.

71.ª Pois nos tempos mais antigos
A Deidade rancorosa,
Acercando-lhe inimigos
Não a deixáva ociosa.

72.ª Na Africa, Azia e Europa
Fulgurou o portuguez,
E já neste a sua tropa
Batalhou por muita vez.

73.ª Pelas sérras retumbávam,
Pelos vales igualmente,
Os canhoens que rebentavam
E as vozes de muita gente.

74.ª Mas nos campos de Amphitrite
Onde a graciosa Diva
De outros Deuses por convite
A folguedos não se esquiva;

75.ª Paréce que o Deus da guerra
Sua armadura largara,
Com o conto da lança em terra
De usar elmo se deixara;

76.ª Para que de Lysia as frotas
Não tivessem que soffrer,
Podendo em partes remotas
As ondas do mar barrer [1].

[1] Barredoira.

77.ª Assim pois de Affonso as Quinas
Foram vêr-se em toda a parte,
Longe de aggressoens ferinas
Que dormindo estáva Marte.

78.ª Mas de Neptuno os arautos
Com os buzios deram signal,
Que não mais vasos incautos
Sahissem de Portugal;

79.ª E logo em seguida, a custo
Os nautas d'este paiz,
Do Cafre infiel adusto
Repelliram o traidor criz.

80.ª Por essas torridas plagas
Com surprezas e embuscadas,
Lhe fizeram mortaes chagas
Com flexas, dardos e espadas;

81.ª Donde hum marco deve vir
Estas heras separar,
Lá, tropheos houve a servir,
Hoje, novos enfeixar.

82.ª Do que fomos, muitas temos
Chronicas, té infinitas,
Do presente é que devemos
Dar mais paginas escriptas.

83.ª Sempre Affonsos de Albuquerque
Ou grandes Vascos da Gama?!
Para que tal gloria cerque
O paiz de sua fama?

84.ª Como pois hão-de olvidar-se
Feitos que sem premio algum,
Estão sempre a praticar-se
Bem que sejão a hum por hum.

85.ª He sabido que escoteiros
Andam os nossos navios,
Que esquadras e marinheiros
Largaram de nossos rios.

86.ª Mas estes poucos que temos
Mal haja quem os reduz,
Seu prestimo aqui daremos
Té Demo dizer — Jesus.

87.ª De navios de alto bordo
Nada temos que dizer,
Que o capricho ou bom accôrdo
Foi têlos a apodrecer.

88.ª Mas dos menos importantes
De coberta e só convéz,
Onde os tristes navegantes
Tem as vagas sempre aos pés:

89.ª Desses sim, que escuna ou brigue
Mostram n'Africa ou na China,
Té que o casco se desligue
Quanto o amor da patria insina.

90.ª Porem antes de soltar
As velas para a derrota,
Na qual se hão de incorporar
Os baixeis da minha frota:

91.ª Dos signaes o Regimento
Ha-de vir ao tombadilho,
Para o alardo e o assento
De qual têve maior brilho.

92.ª E quaes eram as divisas
Aos nomes correspondentes;
Porque sérvem de balizas
Bem á marcha conducentes.

93.ª Quem seus commandantes eram,
Onde foi passada a scena,
Pois quanto elles fizeram
Após o dirá a penna.

94.ª Vai servindo de Almirante
A india *D. João Primeiro* [1],
Brigue *Villa Flôr* ovante,
Da columna he derradeiro.

[1] Mandada construir na India por D. Manoel de Portugal no anno de 1828.

95.ª *Iris*, brigues *Tejo* e *Audaz*,
Angra, *Zambeze* e *Amazona*,
Columna que o centro faz,
Navega sem bujarrona.

96.ª *Mondego* vai na esquerda alla,
A *Napier* pequena escuna
Do chefe passou á falla
Para que distancias una.

97.ª *Maria Anna*, *Lazarim*,
Canhoneira *Rio Minho*,
E *Corimba*, vão assim
Compassando seu caminho.

98.ª Para a marcha regular,
Ninfa caréce içar giba,
E *Camões* ha-de caçar
Latinos de leva a riba.

99.ª Outros vasos differentes
Que figuram n'outras partes
Nesta frota estão prezentes
Com velas de varias artes.

100.ª Cuter, Lorchas e Curvetas
Da alla direita são parte,
Hum dos outros nas alhetas
Conforme seu estandarte.

101.ª Isto he, a insignia seguindo
Por ordem de antiguidade,
Precedencias não provindo
Qual do vaso a qualidade.

102.ª Deste, parte hum escaler,
Daquelle, a lancha tambem,
Mas em nenhum he mister
Saber-se qual he retem.

103.ª Neste grupo bellicoso
De navios mal armados,
Há factos, qual mais honroso
De Marujos e Soldados.

104.ª Huns e outros á porfia
Mil provas de valôr déram,
A qual mais arduo seria
Até que varios morreram.

105.ª No Zaire havemos de vêr
Que gente delles brigou,
Para não mais esquecer
Os feitos que praticou.

106.ª Nos agarenos certoens
Que brutaes povos habitam,
Fulgem d'ancora os botoens
Que em torno chammas crepitam.

107.ª Lá hiremos a Timor,
Do *Mondego* vêr tambem,
Como a gente, do furor
Macassar passou álem.

108.ª *Sá da Bandeira*, corveta
Que Rodrigues lá commanda,
Com tiros de lanterneta
Muitos d'elles pôz de banda.

109.ª Hão-de as lorchas de Macáo
Figurar nesta resenha,
Para o quadro não ser máu
Como alguem nisto se empenha.

110.ª Nomes de barcos, de gentes,
Hão-de aqui ser memorados;
Embora estejam auzentes
Seus feitos serão lembrados.

111.ª Modernos do Mar Tenentes,
E jovens Guardas Marinhas,
Todos vos tenho presentes,
Vossas honras são as minhas.

112.ª Nobrega, Nunes, Cesario,
Pedroso, Amaral, Diniz,
Que ao pé de qual contrario
Vosso porte não desdiz:

113.ª Escarnichia e mais Caminha,
E Franco e Jesus Tavares,
E outros que ainda convinha
Recolher de varios mares:

114.ª Vêde que tenho lembrado
Aqui factos sem paixão,
Que vossos feitos honrados
Bem quiz dar-lhe galardão.

115.ª De baixo do mando meu
Vosso mister aprendestes,
Quilates de honra vos deu
Quanto des-de então fizestes.

116.ª Deste exacto proceder
No meu posto me glorio,
Ralhe quem muito quizer
Dos gabos que vos envio.

117.ª Mas nisto não fica só
O que tenho a relatar,
D'aquelles que estão em pó
Varios hei-de nomear.

118.ª Hum bravo cahe do Naval
A tiros de bacamarte [1],
O devido a morte tal
Com a mãi a patria reparte.

[1] Do brigue Mondego. Ordens da Armada.

119. Do convez da Leão salta
Hum Tenente corajoso,
Que a longeva fama esmalta
Do portuguez valoroso.

120.ª No Zaire morrem armados
Varios homens destimidos,
Que a brigar foram levados
De muniçoens mal providos.

121.ª E só por dedicação,
E zello de quem mandáva,
Que gente de coração
Sem meios vencer contava.

122.ª Lá para Cabo Delgado
Dêsse de parte huma vista,
Que o *Villa Flôr* fundeado
Não terá quem lhe resista.

123.ª Posto ficasse captivo
Com outros n'hum escaler
Tenente que por activo[1]
Muito têve a padecer.

124.ª E que se dirá de *Andrade*
Pelo sertão do gentio?!
Com que ardor e habilidade
Venceu, e passou o rio!

[1] Antonio Maria Guedes.

125.ª De Satary essa aldeia[1],
Hum assalto lá proclama,
Que a India de orgulho cheia
Declara digno de fama.

126.ª Diga o Visconde d'Orem
Quem nelle se distinguio,
E qual do dinheiro alem
Cruz de Christo conseguio.

127.ª E diga quaes os primeiros
Que os bandidos expulsaram,
Se foram só marinheiros
Ou se as tropas secundaram.

128.ª No seculo que succeder
A este quaise passado,
Isto que estou a escrever
Ha-de achar valor dobrado.

129.ª Em ermas lodosas praias
Surgem navios pequenos,
Não para apanhar alfaias
Que não as tem taes terrenos.

[1] Aldeia de Satary (Carunzol).

130.ª Mas a posse disputar-lhe
A selvaticos senhores,
Outros usos ensinar-lhe
Adoçando seus furôres.

131.ª Daqui tiveram origem
Rixas que nunca acabáram,
Pactos que hoje se infringem,
E as lusas armas firmaram.

132.ª Nas africanas, brutaes
Costas d'alem e d'aquem,
O gentio a seus eguaes
Captiva e vende tambem.

133.ª Quando encontra compradores
Ficam salvas suas vidas,
Mas em mingua de senhores
Estas prezas são comidas,

134.ª Pelos sertoens penetrando
Conquistas fomos fazendo,
A Cruz de Christo arvorando
Pela qual muitos morrendo.

135.ª Na India, China e Japão,
Muito por ella luctámos,
Mas longe esses tempos vão
Que a outros isso deixámos.

136.ª As insignias que flamejam
Nos tópes dos meus navios.
Lá hirão para que as vejam
Tremular dentro dos rios.

137.ª A bordo ha, quem as sustente,
Commandante, official,
Guarda Marinha, Tenente,
Todos com valor egual.

138.ª E deste ha grande abundancia
Entre a mesma marinhagem,
Que modesta e sem jactancia
Mil acçoens guerreiras fazem.

139.ª Apenas o apito sôa
A bordo chamando gente,
Ninguem corre, tudo vôa,
Que o combater se pressente.

140.ª No mar isto he bem sabido,
Nem sempre o trabalho agrada,
Mas para ser fornecido
De correame e d'espada;

141.ª Todo o mundo está á lerta,
Todos querem ser primeiros,
Não precisa hir-se á cuberta
Apitar-se a Marinheiros.

142.ª E quando exemplos faltassem,
Bem se vio em Quebrantoens,
Por mais e mais que os chamassem,
Saltarem como leoens:

143.ª Para fóra das trincheiras
Contra as tropas miguelistas,
Que lhe deram dianteiras
Nas fugidas não previstas.

144.ª Hum procéder naval fulge
Que indicar eu tenho a peito;
Do lodo que o cérca surge
Para têr maior effeito.

145.ª Sem premio, até despresadas
Da Marinha as acçoens vão,
Longe d'aqui praticadas
Nem sequer lembradas são.

146.ª E por outros que ainda agora
Da Morte a fouce poupou,
Aos quaes tropheos, Musa arvora
Que d'elles perto encontrou.

147.ª A narral-os entrarei
Que injuria não merecida,
He deixar de dar-lhe a lei
Recompensa alta e crescida.

148.ª Da nuvem o raio cahe,
Que derruba monumentos,
Do canhão a bala sahe,
Que mata homens aos centos.

149.ª Como aquelle, a amurada
Do navio fulge e trôa,
Que ahi Brontes tem forjada
Chispa que nos Ceos écôa.

150.ª Mas acabem-se figuras,
O quadro real tracemos,
Onde só verdades puras
Em linguagem cham verêmos.

151.ª Gente nossa de Marinha
Pela patria pelejou,
Verteu sanga, e a pobresinha
Para si nada ganhou.

152.ª Genios grandes, sabedores,
Mas que d'ella nada sabem,
Querem como dictadores
Que usos seus velhos acabem.

153.ª D'aqui nasce a pouca fé
Que o pessoal da arma tem,
No presente que máu he,
E no que ainda ao longe vem.

154.ª Decretos, sobre decretos,
Portarias sem cessar,
Projectos, sobre projectos,
Ninguem sabe onde ficar.

155.ª E logica he a razão,
Quem reforma não entende,
Dá com os guindastes no chão
Em quanto os nomes lhe aprende.

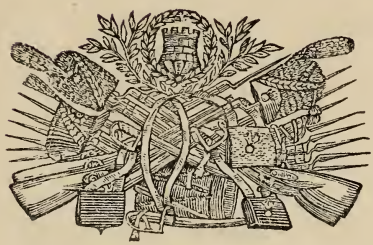
156.ª Flamulas que Lysia arvora
Sem desar em toda a parte,
Deveram aqui e fóra
Ter-se por obras de Marte.

157.ª E quantas foram guindadas
Nos topes destes navios,
A par de estranhas gabadas
Visto temos quaes seus brios.

158.ª Factos destes cento e cento
Mais teria referido,
Se as vélas que dei ao vento
Não houvera recolhido.

159.ª Para nova singradura
Que comprende assumpto vario,
Mudando sempre de amura
Como fáz qualquer corsario.

160.ª Pois o mais concreto finda
De atarsa como convinha,
Posto que podera ainda
Ajustar-lhe alguma linha.



ESTANCIA 4.ª

A TEMPESTADE

161.ª Largas ondas fui sulcar;
De cem terras fui visinho,
Mas ave em seu mariscar
Não esquece o patrio ninho.

162.ª Dos póvos que visitei
Com usanças affamadas,
Não valem nisso e na grei
Aquellas por nós usadas.

163.ª Aqui sam filosophia
Da morte, os reos isentou,
Quando raça escrava havia,
Essa raça immancipou.

164.ª Foi no anno de trinta e seis
Que o bravo Sá da Bandeira
Para o Negro criou leis
Que elle ouvio a vez primeira.

165.ª Depois velho e novo Mundo
O systema perfilharam,
Mas que de Lysia oriundo
Elle fosse nos negaram.

166.ª Contra esta calumnia atroz
Que atacáva a lusa gloria,
Bradou sempre honrada voz
Do facto contando a historia.

167.ª Vai na galha ultima véla
Que da borrasca escapou,
Mas ventando outra procella
Pobre barco soçobrou.

168.ª Assim pois hum povo heroico
Muitas vezes atacado,
Será como o peito estoico
Roto sim, não subjugado.

169.ª Contra a costa a travessia
Leva o lenho a espedaçar-se,
Mas piloto com mestria
Ha-de vêl-o em fim safar-se.

170.ª Pela esteira do navio
Rolla a onda encapellada,
Nos cabos muge o assovio
De borrascosa rajada.

171.ª Mas lá vai o marinheiro
Tomar o ultimo riz,
—Metter dentro está primeiro—
Com voz rouca o mestre diz.

172.ª Sobe tudo, abaffa o pano,
Briol ála e sergideira,
Carrega, não haja engano,
Vá traquete á passadeira.

173.ª Mas o temporal crescendo
Pôr de kapa era mister,
A gavia dentro já tendo
Só mezena he que requer.

174.ª Chega a mim, péga na escôta,
Orça, não arribar,
Mas a véla toda rôta
Não fez nada em se caçar.

175.ª O navio atravessado
Tóma a onda de travez,
Cáhe á banda, e affocinhado
Immergio meio convéz.

176.ª Golpe então de mar subindo
Galga pelo portaló,
Quanto d'elle hia fugindo
A torrente ficou só.

177.ª Capoeiras, gente, antenas,
Comsigo o escarcéo levou!
Quem á gavia fôra, apenas
Da morte lá se livrou.

178.ª Brado horrivel de pavor
Sobre a verga os nautas dão
Misericordia, Senhor!
Misericordia! Perdão!

179.ª E Deus o clamor ouvio!
Pelo brandal o gageiro
Escorregar conseguio
A servir de timoneiro.

180.ª De encontro o léme metteu
Para pôr na alheta a vaga;
O navio obedeceo
Quando á pouppa ella quebrava.

181.ª Deste modo foi correndo
Por dois dias aturados,
Perigos sem par vencendo
Poucos destes desgraçados.

182.ª Te surgirem arquejando
Para aquem de barra amiga,
De rôjo a terra beijando
Que a tempo lhes deu guarida.

183.ª No batel as tralhas trazem
Da véla que lhe escapou,
E d'ellas offerta fazem
Os que Deus lá escutou.

184.ª Os pedaços sobraçando
Com que a custo navegaram,
Tristes hymnos entoando
O portal do templo entraram:

185.ª E aqui, Deus misericordia!
Ninguem pranto suspendeu,
E foi tamanha a concordia
Que herejes té converteu.

186.ª Mas não he só no Orisonte
Que a nuvem negra apparéce,
Nas terras que estão defronte
A monarchia estreméce.

187.ª E baqueia, e sabe Deus
Aonde ella hirá parar
Blasonando os povos seus
Nosso torrão empolgar.

188.ª Mas não ha de ser assim,
Que a revolta he máo direito,
Se esmagar he o seu fim
Reação faz mais effeito.

189.ª Com blandicias já vieram
Deixando-se de ameaças,
Mas os que os conheceram
Sabem ser tudo trapaças.

190.ª Nossos usos são diversos,
Sejamos irmãos embora;
Nós sós em miseria immersos
Elles ricos, d'aqui fóra.

191.ª Quem ali vence fuzila,
Aqui só, deportaçoens,
Quando o Saldanha legisla
Ou sendo os Cabraes mandoens.

192.ª Corrêr touros, matar gente
Tudo chama povo á praça,
Lá, matar scena excellente
Aqui tem-se por desgraça.

193.ª Cada qual em seus limites,
Guarde bem suas fronteiras,
Aqui meigos apetites
Lá gostam de vêr caveiras.

194.ª Côr preta até mais lhe agrada:
O traje usual da Dama
He preto em grande parada
Que entre nós lucto se chama.

195.ª Além, Dama, he buliçosa,
O varão, todo jactancia,
Cá modestia á mais formosa,
O homem prima em tolerancia.

196.ª Visinhos são os terrenos
Porem longe os habitantes,
Portuguezes sêr queremos
Não sujeitos como dantes.

197.ª Nós pequenos Portuguezes
Conquistámos té Madrid,
Hespanhoes por varias vezes
Recuáram com o seu Cid.

198.ª Nem por armas ou conquista
Ficaram d'aqui senhores,
Dobroens de Filippe á vista
Venceram os mór traidores!

199.ª Nesta terra altiva gente
Brasoens e fóros criou,
Que em Ourique Affonso assente
De etherea visão tomou.

200.ª Armas são de Portugal
As chagas e Cruz de Christo,
Povo algum tem timbre igual,
Seu futuro existe nisto.

201.ª Do que Affonso a Deus ouvio
Sete séculos dão fé,
E quanto elle instituio
Ha-de aqui ficar em pé.

202.ª Nisto crê o luso povo,
Embora o reino visinho
Queira em seu systema novo
Dár-nos d'elle um quinhãosinho.

203.ª Não convem fazer partilhas
Entre hispana e lusa gente,
Não espére maravilhas
Quem desfructa o bem presente.

204.ª Grão palacio hir habitar
Mas ser n'elle o mais pequeno,
Não vale hum misero lar
Onde o meu mando fôr pleno.

205.ª Sujeito a outra vontade
Só o faz a precisão,
Reage contra a humildade
Todo o nobre coração.

206.ª Assim pois leão de Hespanha,
Que unhas tenta em nós cravar
Contra sua antiga sanha
Verá Lysia triunfar.

207.ª De Iberismo a vóz traidora
Que retumba no paiz,
He da guerra precursôra
Que aqui soppram almas viz.

208.ª Partido atroz de Iberismo
Por corruptos proclamado,
Portugal quer nesse abysmo
Sessenta annos detestado.

209.ª Há traidores agrupados
Em torno da ideia infame,
Que Lysia nomes trocados
Hisperia unida se chame.

210.ª Todos elles conhecidos
Por fallazes e nefandos,
Hão-de vir a sêr punidos
Com castigos execrandos.

211.ª Disto podem ficar certos
Não lhes valerá Hespanha,
Que os devassos mais expertos
Qualquer aguazil apanha.

212.ª Sem léme que lhe dê rumo
Reger pano a náo não póde,
Tenha lastro e páos a prumo
Vento á poppa não lhe acóde.

213.ª Assim fica demonstrado
Que hum povo grande e valente,
Se não fôr bem governado
Será presa de outra gente.

214.ª Hé tempo de aqui pensar-se
Nesta nossa authonomia,
Quem ao mar vai entregar-se
Leva a agulha para guia.

215.ª Quem anda nelle á matróca
E seus golpes não receia,
Em vez de montar a Róca
Vai o buxo encher de areia.

216.ª E quando isto mais não seja
Nos piratas tóme conta,
Na terra e no mar os veja
Que lhe hão-de fazer affronta.

217.ª Milagres sempre não queira
Quem na inercia espera a sorte,
Que o trabalho hé só barreira
Contra a fóme, infamia e morte.

218.ª Não carecemos Armada
Que ameace a Gram Bretanha,
A nossa pobre e acanhada
Não terá perda tamanha.

219.ª Portugal que aproveitou
Com a hostentação de força?
Empobreceu e arribou
Não seguio, não foi á orça.

220.ª Portugal não quer reboque
Como a lancha de hum navio,
Da vaga supporta o choque,
Orça e singra sem desvio.

221.ª Não faltou em Trafalgar
Nem numero, nem valor,
Sciencia fez triunfar
Delles força bem menor.

222.ª Mas digam quanto quizerem,
Governem-se a seu sabor,
Com Portugal não o esperem
Que não dá, nem quer Senhor.

223.ª A final, fique em seu lar
Quem o tem de seus avós,
Hespanhoes vão tourear
E Lusos fiquemos sós.

224.ª Verdades diarias são
Por todo o mundo sabidas,
Quantas neste escripto vão
Sem estudo resumidas.

225.ª Dellas offerta vos faço
Brito Aranha, honrado amigo,
Que já do mar largo espaço
Na mente andastes commigo.

Lisboa 23 de Novembro de 1869.

Vosso affectuoso e obrigado servo e amigo

JOAQUIM PEDRO CELESTINO SOARES.

LIBRARY
JAN
27
1987
UNIVERSITY OF TORONTO